

ANO 18º Nº 70 2ª SÉRIE JANEIRO DE 1974 PREÇO \$50



# O G TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## A REVISÃO DO C. C. T. E A LUTA SINDICAL DOS TÊXTEIS DO PORTO

Depois de um breve período de demagogia liberalizante, iniciada pelo Governo de Caetano, em relação aos Sindicatos Nacionais, demagogia que as massas souberam aproveitar voltando-a contra o fascismo, tomando as direcções dos sindicatos fascistas, colocando as direcções da sua confiança e reforçando com isso o peso das suas lutas nas empresas e por melhores contratações colectivas, tem-se seguido um endurecimento das posições do Governo a que não faltou a publicação de fértil legislação, procurando criar maiores obstáculos ao desenvolvimento dessa luta.

Entre essas medidas figura em primeiro lugar o aumento de dificuldades da eleição de direcções honestas, sobretudo se se trata de sindicatos com grande número de trabalhadores filiados, como é o caso do sindicato dos têxteis do Porto.

Com efeito o fascismo e o patronato sabem do peso deste sindicato, antevêm as dificuldades que lhes seriam criadas com uma melhor defesa dos problemas

da classe, e sabem também a força global que esse facto iria dar à luta sindical no seu conjunto. Daí as inúmeras dificuldades que têm sido criadas à luta, arrastando-se num longo e cansativo processo burocrático, situação que só uma acção massiva poderá alterar, como repetidamente temos afirmado.

A discussão da proposta de revisão do CCT da classe pode vir a criar maior interesse pela situação em que se encontra o sindicato e a conjugação dessa luta com a da legalização do sindicato pode vir a facilitar a mobilização que se impõe.

Forçar por isso a Comissão Administrativa a discutir com os trabalhadores o projecto de revisão, organizar por sua vez através da comissão sindical reuniões onde os dois problemas sejam discutidos, forçar a realização de A. G. onde as duas questões sejam debatidas, pode vir a criar condições para a movimentação e a base de massas de que a luta necessita a fim de forçar o governo e o patronato a recuar.

## CONTRA A REPRESSÃO POR AMPLA AMNISTIA

Perante o agudizar da situação política, procurando travar o crescente ascenso da luta popular, o fascismo tenta lançar mão de uma vasta campanha de repressão, procurando prender os activistas mais destacados, enquanto que o patronato nas empresas, com igual fim, procura isolar e lançar no desemprego os trabalhadores de vanguarda.

Nos cárceres fascistas permanecem há longos anos dezenas de lutadores, dos melhores filhos do nosso povo, que têm entregue à luta por um Portugal melhor, toda a sua vida. Entre eles José Morgo e Dias Lourenço já com largos anos de cadeia, o primeiro com mais de 20 e o segundo com 17.

Iludindo os protestos expressos durante a campanha eleitoral, por milhares de pessoas, nos comícios e em milhares de assinaturas recolhidas, em vários documentos, reclamando insistentemente uma ampla amnistia, assim como a pressão que se fez sentir nesse sentido internacionalmente, Caetano publicou um simulacro de amnistia onde nenhum preso condenado a pena maior foi atingido.

A luta contra a repressão a todos os níveis e por uma ampla amnistia, é no presente uma frente de luta a que todos os trabalhadores devem dar o seu apoio, integrando-se nas estruturas existentes, participando nas campanhas em curso, exigindo sob várias formas, do Governo, uma ampla amnistia.

# GALOPANTE A SUBIDA DO CUSTO DE VIDA

O aumento do custo de vida agrava-se diariamente. A galopante escalada dos preços adquire expressões alarmantes, todos os dias aumentando preços de artigos, na sua maioria de primeira necessidade.

A carne subiu mais de 25% as carnes enlatadas de 28 a 30% aumentaram todas as espécies de carne de porco, tendo o chispe e a orleira subido 25%; o bacalhau continua a subir e a escassear no mercado; o azeite em 2 meses subiu 10000 em firo, seguindo-se-lhe um aumento do óleo; o arroz subiu de 12 a 25% a batata já está a 220; aumentaram os preços dos ovos, manteiga e subidas se verificam igualmente em todos os artigos de vestuário e calçado, para não falar já dos preços especulativos das rendas de casa.

A agravar mais a situação, os aumentos de preço têm sido acompanhados com a falta de alguns artigos, entre eles o leite, bacalhau e detergentes, enquanto se prepara uma subida do leite e do pão.

A falta de gasolina e o seu aumento de preço vão certamente agravar ainda mais a situação de subida do custo de vida que estamos a sofrer. As restrições de consumo da gasolina foram provocadas pelo embargo do fornecimento feito pelos países árabes a Portugal, com quem estes cortaram relações, devido à política colonialista que o Governo fascista pratica em África, mantendo as três criminosas guerras de opressão, e a maneira como apoiou e apoia

a política belicista de ocupação e anexação de parcelas de territórios árabes por Israel, sendo o único na Europa que põe as bases militares à disposição dos americanos que delas se serviram para o envio de armas para Israel, durante o recente conflito.

O problema da gasolina levou algumas companhias de transportes a aumentarem já os seus fretes, facto que irá precipitar novas subidas de preços. A falta de energia provocada pela escassez de combustíveis poderá provocar a curto prazo a redução da jornada no trabalho em alguns sectores.

São os trabalhadores, vivendo de um rendimento fixo, o seu salário, quem mais sofre com este galopante aumento do custo de vida, vendo o valor do seu salário diminuir diariamente. Os milhares de contos gastos em despesas improdutivas com o aparelho militar e a manutenção das guerras coloniais, assim como a protecção aos super lucros dos grandes monopolistas, é que são os grandes causadores desta escalada e não, como mendosamente o Governo tem pretendido fazer crer, o aumento de salários dos trabalhadores.

A publicação pelo Governo fascista do decreto-lei 196/72 que congela por períodos de 2 anos as revisões salariais, vindo agravar mais a situação de milhares de trabalhadores e dotar o patronato com mais uma arma para dificultar a sua justa luta por maiores salários, ilustra bem os interesses que defende a política do governo fascista.

Num recente inquérito feito entre os metalúrgicos apurou-se que em cada 100000 gastos mensalmente em alimentação só 8000 eram reservados a carne e 6000 à compra de leite e fruta. Por outro lado, num outro inquérito feito junto de um casal operário a trabalhar na indústria de malhas apurou-se que o seu rendimento não ia além de 5282500/mês, enquanto que calculadas as despesas mínimas estas ascendiam a 5725500/mês. O que dá, como se vê, um saldo negativo de 445000, saldo esse que o casal, para equilibrar o difícil orçamento, iria certamente tirar à alimentação, ao vestuário, ao recurso às horas extraordinárias e provavelmente, mais tarde, à retirada do seu filho da escola, para o trabalho, por ser indispensável o seu salário na economia da casa.

Estes dois exemplos ilustram bem a situação em que se encontra a grande maioria dos trabalhadores do nosso país. É justamente que se afirma que no nosso país se praticam os salários mais baixos da Europa, face a um dos mais altos índices do custo de vida.

Só a acção dos trabalhadores nas empresas, intensificando as suas lutas por maiores salários, conjugada com a luta nos sindicatos por melhores contratações colectivas e contra a aplicação do decreto 196/72, promovendo igualmente outros protestos junto das câmaras, juntas de freguesia, mercados e outros locais, contra o aumento do custo de vida e a escassez dos géneros, poderá levar a uma melhoria da situação.

# SEMI-DESEMPREGO A Atenção aos bufos.

## para mais de 1200 operários

Alegando falta de matéria-prima, os donos da empresa Companhia Fabril do Cávado em Miré de Tibães — Braga, reduziram no final do ano a jornada de trabalho de 6 para 4 dias, facto a que, justamente, os operários da empresa (mais de 1200) se vinham opondo.

No início do ano os operários voltaram a exigir a semana completa. Contudo, no dia 2, quando os operários do 2.º turno se deslocaram para o trabalho depararam com a fábrica fechada ficando assim impossibilitados de trabalhar.

Com esse encerramento, o bairro da fábrica onde habitam bastantes operários ficou privado de água e luz que estavam a ser fornecidas pela empresa.

Além da falta de matérias-primas (invocada pelos patrões), um processo de falência estará em curso, estando a fábrica na iminência de mudar de dono ou encerrar definitivamente.

Aos protestos dos operários concentrados em frente à fábrica respondeu a GNR que prontamente acorreu ao local a fim de os dispersar.

Confirma-se assim o alerta que aqui vínhamos fazendo para a crise que iria provocar no sector a carência de matérias-primas, e com ela a iminência de desemprego, alerta que incluía também um sério aviso para com as manobras que o patronato procuraria pôr em prática, para resolver os seus problemas, tentando salvar em boa

parte os seus interesses sacrificando para isso os interesses e direitos dos trabalhadores.

Aqui temos o primeiro exemplo flagrante desse facto, agravado mais ainda neste caso pelo desprezo evidente demonstrado pela empresa para com a situação de centenas de pessoas, não recuando perante a alternativa de os deixar sem-luz nem água.

A resistência posta em prática pelos trabalhadores é o caminho e tem de continuar. Das boas ou más administrações os trabalhadores nada têm que ver. A falta de matéria-prima é também um problema que não lhes diz respeito. É um problema que os industriais e o Governo terão que resolver.

Para os trabalhadores o importante é que lhes seja garantido o seu direito ao trabalho. Que lhes seja garantido, quer trabalhem ou não (o problema não é deles), o pagamento da sua jornada de trabalho completa.

Aqui deixamos o outro alerta para os operários da Companhia Fabril do Cávado. Pode acontecer que a empresa mude de dono. Não é de descartar por isso que os novos capitalistas procurem pôr em causa os direitos já adquiridos por largas centenas de operários, através de longos anos de trabalho na empresa, procurando para isso fazer novos contratos que anulem os direitos de antiguidade

De novo vimos aqui alertar os trabalhadores para o nome de alguns bufos, a fim de serem desmascarados, combatidos, isolados do convívio dos trabalhadores honestos.

Durante a recente luta dos operários da Sitenor contra os despedimentos e por um melhor Acordo Colectivo de Trabalho, alguns sabujos destacaram-se na sua tarefa de denunciar junto do patrão os seus colegas, tentando sabotar a justa luta em curso.

São eles: Rodolfo — monitor; José António — afinador; Massas — tecelão; Ribeiro — afinador de tecelagem; Vinhas — tecelão; Tavares — chefe de revisão; João Tramaçal — tecelão; e Capitão Marvel — urdidor.

Na ansia de apanharem algumas migalhas que lhes são lançadas pelos patrões, estes sabujos não hesitaram em trair os seus companheiros de trabalho e de classe.

Os trabalhadores de vanguarda, os homens honestos, saberão dar-lhes o tratamento que merecem.

### Rádio Portugal Livre

- Transmite diariamente:
- Das 8 às 8,30 horas em 19, 20, 20,8 e 25 metros.
- Das 19 às 21 horas em 19 e 25 metros.
- Das 0,20 às 0,50 horas em 25, 26, 52 e 36 metros.
- Aos domingos transmite ainda das 15 às 15,30 horas em 19, 20, 25 e 26 metros.
- ESCUITA, DIVULGA, DISCUTE os seus programas. Procura, no âmbito que puderes, levar à prática as suas palavras de ordem.

(continua na pág. 4)

# AS "BONDADES" OU AS MONTANES MANOBRAS ...

## DOS PATRÕES

Outubro o tal mês das eleições. O Ministro das Corporações, Saúde e Assistência foi inaugurar uma creche à Fábrica das Lãs dos Xavieres (A. Pereira Vidal & Filhos) em Valongo do Vouga - Águeda.

A creche é pequena, não chega para os filhos de todos os operários. No entanto o pretexto serviu para uma cerimónia em que os patrões mendigaram votos para a ANP. Ai foi dito que quem beneficiava das «obras» dos Xavieres devia corresponder aos seus pedidos que neste ano eram os tais votozinhos.

A Empresa Fabril do Norte (Senhora da Hora) «ofereceu» em Dezembro um jantar dito de homenagem aos operários reformados, no final como prémio distribuíram um calendário (1... ) a cada um.

Segundo os jornais estiveram lá setenta, o que não representa nem de longe a totalidade dos operários reformados da empresa.

Os operários não se esquecem que essa mesma empresa lhes paga ordenações miseráveis e que lhes guga o sangue e o suor durante toda a vida. Os operários e os reformados não esquecem que ainda há pouco tempo a empresa expulsou das casas do bairro alguns reformados que aí viviam, com o pretexto de que eles já lá não trabalhavam. Os operários e os reformados não se esque-

cem de que a empresa frequentemente «chamava» reformados «coloca» e «faz» mansas pede lhes para irem trabalhar (a tapar faltas e a ganhar baixos salários) e, sen não o fazem, surgem ameaças veladas sobre a sua habitação no bairro (se aí vivem), ou sobre os seus familiares que trabalham na empresa.

Assim, por exemplo, no caso dos operários que vivem no bairro, quando reformados, no momento em que mais do que nunca mereciam pelo menos sossego e descanso, vêem a sua pequena reforma ameaçada com novas despesas se ficam na contingência de procurar casa pois as tendas de hoje não são as mesmas de há 30 anos.

A «moral» desta empresa e doutrina é sugar os operários até à última gota de sangue, até ao último sopro de vida. Estes jantares de fachada procuram esconder essa exploração e preparar o terreno para depois chamar os reformados «convitados» a continuar a trabalhar quando disso houver necessidade, ficando assim com uma reserva de mão-de-obra para a utilizar quando mais necessário. Xavieres, Pintos de Azevedo e outros são dos tais senhores que obtêm fabulosos lucros à custa da exploração desenfreada de massas de trabalhadores e ainda por cima querem passar por beneméritos. A velha história do lobo a querer vestir a pele de cordeiro!

Em Alhos Vedros as Confeções Fex, com grande participação de capitais suecos, em 1968 inaugurou as suas instalações empregando os 200 operários aí empregados, a quem pagou as devidas indemnizações.

Dias depois a mesma fábrica reabriu com o nome de Gefe, com a mesma gerência e as mesmas máquinas, e até grande parte dos mesmos operários. Só que estes, entretanto, tinham perdido os direitos de antiguidade. Em Janeiro de 75 a história voltou a repetir-se.

Manobras como estas também se poderão repetir noutros locais se os operários não reagirem prontamente, defendendo com firmeza os seus direitos adquiridos, opondo-se a tão infames roubos.

## SEMI-DESEMPREGO

## PARA MAIS DE

## 1200 TRABALHADORES

adquirida. Por isso há que estar atentos e não ceder aqui também um passo sequer.

A luta tem que prosseguir, junto do INTP, na empresa, no Sindicato, com novas concentrações e outras formas de luta possíveis, reivindicando o direito à semana completa de trabalho e, no caso de despedimento, o pagamento imediato de indemnizações, e garantia de futuro trabalho.